

Entrevista Com Professor Marcos Bagno

Interview with the teacher Marcos Bagno

Silvio Profirio Da Silva*

* Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Igarassu, FACIG, Igarassu - PE, 53630-220, e-mail: profirio.silvio@bol.com.br

Josete Marinho de Lucena**

** Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa - PB, 58051-085, e-mail: josetemarinho.ufpb@gmail.com



Fonte: O entrevistado, 2017.

Desde os anos de 1980, os postulados sociohistóricos da linguagem têm materializado um amplo leque de comutações no trabalho pedagógico do ensino de língua materna. Dentre o cabedal desses postulados que muito têm contribuído para a ampliação do ensino e aprendizagem de língua merecem destaque os trabalhos acadêmicos da Sociolinguística.

Na ótica de Pietri (2007), os anos de 1980 são inquestionavelmente marcados pela materialização de propostas curriculares canalizadas no texto como objeto de ensino. Nessas propostas curriculares, o cerne do trabalho pedagógico não está na

metalinguagem, mas, sim na efetivação de práticas de leitura, produção de texto, oralidade e análise linguística. Tais propostas alavancam a erradicação inicial da artificialização dos usos da língua, na medida em que colocam em foco o entrelaçamento do ensino de língua materna às situações específicas de uso, bem como aos espaços culturais.

Para Geraldi, Silva & Fiad (1996 *apud* PIETRI, 2007), essa moldagem no trabalho pedagógico do ensino de língua materna é procedente de diferenciados elementos, a saber, da visão sociohistórica da linguagem, da visão de texto como produto resultante da interlocução traçada entre sujeitos e da visão da diversidade da língua. Tais elementos ensejam a dissipação da sacralização da norma, o que erradica os rótulos certo e errado.

A concepção sócio-interacionista ou sócio-histórica de linguagem inspirando as atividades de ensino; a noção de texto, como um produto do trabalho interativo com vínculos às suas condições discursivas de produção; a noção de variedade linguística como própria de qualquer língua, deslocando a noção de certo/errado e definindo-se pelo ensino da chamada língua padrão; e a reorganização das práticas de sala de aula em torno da leitura, da produção de textos e da análise linguística (GERALDI, SILVA & FIAD, 1996, p. 325-226 *apud* PIETRI, 2007, p. 95).

Entre os postulados sociohistóricos da linguagem, destacamos, aqui, a Sociolinguística. Segundo Alkmim (2006), a Sociolinguística tem por objeto de estudo a variedade linguística, elegendo como *corpus* a língua e a sua materialização nos contextos de uso. No lastro dos postulados sociolinguísticos, o entrelaçamento entre a língua e a sociedade é algo inquestionável. Nessa perspectiva, essa abordagem teórica dos estudos linguísticos coloca em notoriedade a comunidade linguística, bem como os enunciados verbais materializados pelos sujeitos que empregam língua nas tramas cotidianas. Com isso, os postulados sociolinguísticos focam na observação e na descrição dos usos da língua, entrelaçando suas análises a distintos elementos, tais como: identidade social dos interlocutores (falantes e ouvintes), contextos e instancias de uso, julgamentos sociais formulados pelos interlocutores etc.

É dessa combinação entre língua e sociedade que desponta a variedade linguística propalada nas tramas cotidianas. A Sociolinguística vem, portanto, colocando a pluralidade e a multiplicidade linguística em pauta de debate, no tocante ao ensino de língua materna. Isso tem propiciado uma nova visão sobre as variantes linguísticas e os usos da língua não apenas nos documentos oficiais, bem como nas rotinas educacionais

o nos materiais didáticos (gramáticas escolares e livros didáticos de língua), o que, por conseguinte, tem instigado a dissipação da primazia dada à metalinguagem.

Diante dessa acepção, realizamos a entrevista a seguir com o Professor Dr.º Marcos Bagno, almejando aprofundar nossos conhecimentos a partir do olhar de uma autoridade no âmbito da Sociolinguística, sobre a língua e seus vínculos com o plano sociocultural, assim como sobre os reflexos dessa perspectiva social da língua no trabalho pedagógico do ensino de língua materna.

Marcos Bagno é Doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo – USP, sob orientação do Professor Ataliba Teixeira de Castilho. Desde 2002, é professor adjunto da Universidade de Brasília – UNB, atuando no curso de Licenciatura em Letras, bem como no Programa de Pós-Graduação em Linguística dessa instituição. É, também, professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense – UFF. Seus trabalhos estão focados nas discussões atinentes à Sociolinguística e ao ensino de língua materna, atendo-se às seguintes temáticas: ensino de língua, usos da língua, variantes linguísticas, gramática tradicional, política linguística, português brasileiro e sociologia da linguagem. Possui um vasto contingente de livros publicados relativos à língua e seu entrelaçamento com o plano social, bem como livros no campo da literatura infantil. Já recebeu nove prêmios nacionais relativos aos seus livros focados na literatura infantil, entre os quais, destacam-se: IV Prêmio Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, Fundação Nestlé de Cultura (1998), Prêmio Jabuti 2012, Câmara Brasileira do Livro (2012), Prêmio Biblioteca Nacional, Biblioteca Nacional (2013), II Prêmio Bienal de Brasília do Livro e da Leitura, Governo do Distrito Federal (2014) etc.

PERGUNTAS

Entre o cabedal de abordagens teóricas da Linguística, destacam-se os postulados sociolinguísticos. Na sua visão, como pode ser definida a Sociolinguística?

► A Sociolinguística pode ser definida, sucintamente, como o estudo das relações entre linguagem e sociedade, isto é, de que modo as dinâmicas sociais influenciam o uso e o próprio sistema linguístico. A linguagem é a marca registrada da espécie humana, uma espécie essencialmente gregária, social. Diante disso, seria até redundante e mesmo estranho postular uma disciplina que se debruçasse sobre essas dinâmicas, já que não

existe língua sem sociedade nem sociedade sem língua. No entanto, como bem sabemos, a linguística moderna se constituiu, no início do século XX, em torno de uma concepção de língua que tentava deixar de lado tudo o que fosse social, histórico, político, ideológico. Foi a era do chamado estruturalismo, que só se interessava pela “língua em si”, por seus fonemas, morfemas e, mais tarde, com o gerativismo, pela sintaxe. Foi numa reação a essa visão muito reduzida de língua que, a partir dos anos 1960, começaram a surgir teorias e métodos que insistiam na impossibilidade de separar a língua de seus falantes. Costumo dizer que “sociolinguística” é uma “inútil palavra imprescindível”: inútil, a princípio, porque o simples nome “linguística” deveria bastar como designação do estudo da linguagem em contexto social; mas imprescindível porque o cenário científico estava dominado por uma linguística associal, que vivia na ilusão de um “falante ideal” que não existe em lugar nenhum.

Quais as diferenciações entre Sociolinguística Interacional e Variacionista? Qual o foco dos seus estudos?

► A sociolinguística variacionista tem um interesse essencialmente linguístico, isto é, seu foco é a língua, são as estruturas linguísticas (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico). O social entra aqui como pano de fundo para o conhecimento mais preciso e realista da língua em sua dinâmica de variação e de mudança. A pergunta da sociolinguística variacionista seria: “De que modo as dinâmicas da língua refletem as dinâmicas da sociedade?” A sociolinguística interacional faz uma pergunta diferente: “Como a língua é empregada nas interações sociais como meio de estabelecer essas interações, controlá-las, regulá-las, hierarquizá-las segundo os papéis sociais dos diferentes interactantes?” A sociolinguística interacional é herdeira da pesquisa etnográfica, uma metodologia desenvolvida na antropologia. Ela se concentra nas interações mais focalizadas, mais no nível microssocial, enquanto a sociolinguística variacionista é mais sociológica, se concentra na sociedade vista como um grande grupo heterogêneo, dividido em classes ou subgrupos distintos, cada um deles com sua variedade linguística específica.

Quais os contributos de cada uma das vertentes da Sociolinguística (Interacional e Variacionista) para o trabalho didático do ensino de língua materna?

► As contribuições têm sido muitas e importantes. A sociolinguística variacionista se desenvolveu muito no Brasil, a partir do final dos anos 1970, e tem permitido um conhecimento cada vez maior e melhor do português brasileiro autêntico, da língua realmente falada (e escrita) pela nossa população. Com isso, tem sido possível contestar os modelos obsoletos de “língua certa” e demonstrar sua inutilidade para uma educação em língua materna relevante e honesta. De posse dos dados obtidos pelas pesquisas sociolinguísticas, já é possível descrever o português brasileiro contemporâneo, incluindo suas variedades urbanas de prestígio, e reivindicar que o ensino se baseie nessas variedades urbanas, que já apresentam muitas diferenças com relação à norma-padrão tradicional, que só leva em conta a escrita literária antiga e os usos predominantes em Portugal. Assim, desde a virada do século, têm surgido obras gramaticais de um novo tipo, produzidas por linguistas, inspiradas em postulados teóricos mais rigorosos e descrevendo o português brasileiro contemporâneo. Por seu lado, a sociolinguística interacional tem contribuído muito para o entendimento das relações em sala de aula, para o conhecimento mais detalhado das interações professor-aluno, professor-professor, aluno-aluno, levando em conta o contexto físico das interações, as dimensões de solidariedade e/ou disputa de poder, e também, é claro, os usos da língua nas diferentes situações e ambientes da escola. Essa “sociolinguística educacional”, como foi denominada pela profa. Stella Maris Bortoni-Ricardo, pioneira nesses estudos no Brasil, contribui muito para a formação docente.

Como os postulados sociolinguísticos têm contribuído para fomentar modificações no processo de formação de professores de língua materna?

► A sociolinguística se implantou com força nas universidades, onde se encontram muitos e variados grupos de pesquisa dedicados a ela, tanto na vertente variacionista quanto na interacional. É claro que existe uma resistência da parte de pessoas que, ainda formadas na tradição, se recusam a admitir que é preciso conhecer também as variedades linguísticas desprestigiadas, rurais, de grupos sociais específicos etc. De todo modo, a pesquisa acadêmica nesse campo é grande no Brasil. Além disso, todos os projetos de formação docente inicial ou continuada levam em conta as contribuições da sociolinguística. Todos os documentos oficiais produzidos nos últimos trinta anos, sejam estaduais, seja federais, incluem tópicos como a variação intrínseca da língua, os

processos de mudança, a atitude positiva dos professores diante dos usos considerados tradicionalmente como fora do padrão etc.

Desde a década de 1970, os livros didáticos de língua materna utilizados na Educação Básica têm passado por um drástico processo de moldagem. Como a Sociolinguística tem contribuído para essas alterações na organização estrutural dos livros didático de língua materna?

► Em decorrência do que mencionei acima — a inclusão dos postulados da sociolinguística nas políticas oficiais de ensino —, os autores e editores de livros didáticos, interessados em vender suas obras para os programas de aquisição do Ministério da Educação, vêm tentando incluir em seus manuais temas importantes como a variação, a mudança da língua, as diferenças entre os falares urbanos e rurais, a necessidade de combater o preconceito linguístico etc. Infelizmente, a maioria desses livros não apresenta uma base teórica bem assentada para tratar desses assuntos e acabam gerando confusão quando os abordam. Além disso, a maioria dos livros didáticos apresenta o que eu chamo de “esquizofrenia metodológica”: falam de variação, mudança, preconceito etc. nas seções ou capítulos dedicados a isso, mas na parte de conhecimentos linguísticos insistem em preservar regras gramaticais que já não correspondem nem mesmo à escrita mais monitorado no Brasil. Tratei desse problema no meu livro *Sete erros aos quatro ventos*.

Na esteira das discussões acadêmicas atinentes ao ensino de língua materna, hoje, o trabalho didático é efetivado, a partir dos eixos didáticos de ensino (leitura, produção de texto, oralidade e análise linguística). Diante dessa constatação, como o professor de Língua Portuguesa pode trabalhar os pressupostos teóricos da Sociolinguística nesses quatro eixos?

► Na pesquisa que fiz com 25 coleções de livros didáticos, ficou claro que essas obras avançaram muito positivamente nos eixos de leitura e produção de textos, formulando trabalhos muito interessantes, sobretudo a partir do conceito de gênero textual. A oralidade também avançou, mas não tanto. Contudo, quando se trata de análise linguística, como mencionei antes, ocorre uma “esquizofrenia metodológica”, com a

apresentação dos postulados da sociolinguística em algumas partes da obra, mas com a preservação de uma gramática tradicional hipernormativa nas seções de análise linguística. Muitas vezes, essas seções se mostram mais intolerantes e prescritivas do que as obras gramaticais produzidas por nossos melhores filólogos.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. M.. Sociolinguística. IN: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C.. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*, v.1. São Paulo: Cortez, 2006. p.21-47.
PIETRI, E.. Atuação sobre a materialidade textual: objeto de ensino/aprendizagem de língua materna. *Estudos Linguísticos*, v. 2, p. 93-102, 2007. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/38.PDF>. Acesso em: 24 jul. 2017.

Data de recebimento: 26/07/2017
Data de aprovação: 09/11/2017